

Universidades Lusíada

Claret, Curro
Almeida, Catarina Telles de

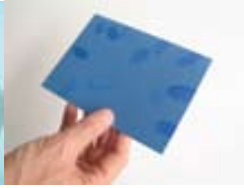
O objecto popular é o que mais me emociona

<http://hdl.handle.net/11067/8454>

Metadados

Data de Publicação	2007
Editor	Universidade Lusíada Editora
Palavras Chave	Claret, Curro, 1968- - Entrevistas, Designers industriais - Entrevistas, Designers industriais - Espanha
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] ArLíquido, n. 2-4 (2007)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T21:59:58Z com
informação proveniente do Repositório



“O objecto popular é o que mais me emociona”

Entrevista ao designer catalão Curro Claret
por Catarina Telles de Almeida

Designer catalão, nascido em Barcelona, Curro Claret estudou Design Industrial na Elisava – Escola Superior de Disseny na sua cidade natal e também no Central Saint Martins College of Art and Design em Londres. Em Barcelona trabalhou em estúdios de arquitectura, design gráfico e design industrial. Iniciou os seus primeiros projectos particulares em 1997. Trabalha como freelancer.

Catarina Telles de Almeida: *O que te interessa, o que procuras?*

Curro Claret: Eu gosto de trabalhar em projectos muito diferentes, oportunidades que surgem devido à época de pluralismos em que vivemos, dos projectos mais industriais até aos mais especulativos. Não sou eu que escolho – vão surgindo as oportunidades.

Gosto que o designer esteja ao serviço do funcionamento da sociedade, que exista um certo compromisso, e que enfrente os desafios. A atitude de qualquer profissional é fazer o melhor que sabe e pode – aquele que não se envolve de verdade, não aproveita. Uma das coisas boas desta profissão, especialmente sendo *freelancer*, é ter oportunidade de conhecer imensas pessoas totalmente diferentes, o que as preocupa, o que pensam. Interessa-me realmente conhecer as pessoas.

CA: *Quem é o público dos teus projectos? Se é que pensas nisso...*

CC: Gosto de pensar de maneira geral, mas sim, eu trabalho para as pessoas. Quando se está a pesquisar existe a atitude de distinguir categorias de público, como o comercial, o experimental... Mas para projectar para um tipo de pessoas é preciso saber como fazê-lo, e isso é difícil.

Tudo depende da encomenda, da indústria – segue-se um rumo que muito poucas vezes é delineado por nós próprios.

CA: *E qual é, então, o papel do design(er)?*

CC: A meu ver o designer pode participar de maneiras muito diferentes, em áreas da sociedade distintas, desde as questões mais formais até ao extremo oposto, mais político, subversivo e provocador. Depende muito de cada um, do que procura e da realidade de onde vem. Mas principalmente acredito que o designer deve enfrentar os desafios do seu tempo e tratar de problemas. Isso sim, é uma questão muito pessoal.

CA: *De que forma é que o que fazes se deve ao facto de seres catalão e de viveres na Catalunha?*

CC: Alguma relação terá que existir, não? O meio de onde vimos e onde vivemos condiciona muito – os hábitos das pessoas, a indústria. Mas acho que estas coisas tinham mais peso no passado, hoje em dia não há assim tanta diferença entre países. É menos uma questão formal. Sendo Espanha um país pouco desenvolvido comparado com o resto da Europa, fala-se na capacidade espanhola do invento, de criar a partir do pouco/nada. Claro que é mais fácil a pessoa deixar-se levar pela situação do seu país, mas há muitos exemplos de quem não se deixa levar pela maré.

CA: *Crês que é esse atraso tecnológico da Península Ibérica que leva a abordagens low-tech ou no-tech?*

CC: Há países onde a tecnologia já está assumida. Nos nossos países vive-se bem: sol, comida, clima – e isso influencia muito. Com isto não quero dizer que se trabalha com menos intensidade, mas existe um certo relaxamento que de alguma maneira influencia a forma de trabalhar. Em economias menos fortes há sempre dificuldade de pesquisar, inovar.

CA: *Pensas que a abordagem low-tech garante que o objecto tenha uma especificidade que o torna atractivo para os outros?*

CC: Acho que a qualidade de um objecto está menos condicionada pela



[Repensar objectos quotidianos 1]
Trata-se de uma simples caixa de cartão com uma das faces pretas, para que se possa escrever com giz o que ela contém. É o utilizador quem identifica as caixas, escrevendo ou desenhando; uma forma de participação ao personalizar o objecto.

tecnologia do que realmente pensamos. Por exemplo, este abre-garrafas do Vietname, a forma como a madeira foi cortada, a marca impressa, os acabamentos toscos e simples, comparado com um abre-garrafas feito na Suíça, que deve ser de um metal especial com acabamentos perfeitos – de qual gostarias mais?

Muitas vezes a tecnologia em excesso dificulta mais. A tecnologia pode ajudar a outros níveis, dependendo da tipologia do objecto: em equipamento cirúrgico os materiais são muito importantes, enquanto em equipamento doméstico pode haver outra atribuição de importância.

CA: *Mas não te parece que por vezes essa abordagem low-tech é uma pose de galeria? Como se consegue que estes objectos que estão entre a cultura popular anónima, as soluções de urgência de toda a vida e o humor sejam individualizados e de nível elevado?*

CC: Este interesse actual pelo primitivo e pela *bricolage* converteu-se em moda e, como moda que é, naturalmente tem o seu lado frívolo – o interesse

[Repensar objectos quotidianos 2]
É um objecto muito simples:
uma estrutura de arame com
uma lâmpada, estrutura essa que
serve para pousar um chapéu. O
utilizador tem o seu papel activo
na escolha do chapéu, porque é
esse componente que define o tipo
de luz e o conjunto do qual resulta
o objecto final. É este tipo de
atitude que me interessa, fazer com
que o utilizador participe.



é relativo e efémero. Para mim o *low-tech* tem várias implicações. Não é verdade que com o *high-tech* a relação com o utilizador seja mais intensa; o *high-tech* mostra a perfeição, e as pessoas sentem que é posta de parte uma certa humanidade que se expressa pela imperfeição. Pode tornar-se numa coisa só para ricos.

Por outro lado o *low-tech* feito para galerias, pode também ser para ricos, e, por sua vez, os produtos *high-tech* chineses são baratos!

Há outra questão, a mobilidade do mercado e da oferta, a chamada tendência – fala-se durante um tempo de uma coisa, mas depois passa. Agora estamos na revalorização através do *low-tech*. Mistura-se também a questão ecológica e o utilizador – que não fica à espera que a indústria produza o que ele precisa.

CA: E a relação entre o design e o artesanato? O que os distingue e o que podem fazer um pelo outro?

CC: A relação entre um e outro, hoje em dia, não deve ser nada fácil. Para



[Repensar objectos quotidianos 3]
Trata-se de uma embalagem de gel de banho em forma de haltere que depois de vazia pode ser reaproveitada com um enchimento diferente – cumprindo a função de haltere. Tem também um valor simbólico, uma vez que relembra o utilizador de cuidar do seu corpo todos os dias. Conjugam-se duas funções e dois objectos num só.

os artesãos houve uma grande mudança porque tratavam de toda a produção. Claro que o artesanato pode trazer coisas que a produção industrial não pode, mas o problema está na competitividade a nível de preços. Por exemplo, o IKEA tem taças de madeira semelhantes às de um artesão, mas a um preço irrisório e com séries de milhares de unidades. Desta forma não é possível competir. O artesão tem a difícil tarefa de conferir às suas peças um valor acrescentado, é aí que tem de haver mudança que não significa industrializar. Tem de tentar encontrar outros valores que a máquina não pode dar. Como os modernistas¹ e Gaudí – Gaudí trabalhava em conjunto com os artesãos produzindo autênticas obras de arte, estes edifícios inigualáveis, mas claro que a questão económica estava resolvida devido a todo o apoio de mecenato que tinha.

CA: *Tens vontade de fazer coisas tecnologicamente (mais) avançadas?*

CC: Não é uma obsessão, mas talvez gostasse de ter oportunidade de o fazer. Gosto da tecnologia, seja ela *high* ou *low*. Se houver possibilidade de algum projecto, ótimo, mas não é para mim o primeiro critério de importância.

[Postal digital] É um postal produzido em papel sensível que desde o momento em que é enviado até chegar ao seu destino regista, através de marcas, todos os agentes envolvidos nesta viagem. Aqui procuro a questão humana da comunicação, um pouco perdida nesta era da internet.



CA: *Tens alguma predilecção especial por alguns desses objectos anónimos?*

CC: Gosto do “abre-garrafas” do Vietname, da chave-inglesa, de elementos de construção como ladrilhos, lingotes e vigas; dos instrumentos específicos de qualquer área como a música, a química, a enologia – esse tipo de objectos técnicos com funções bem definidas; também das *espardeñas*, famosas alpercatas catalãs, e do igualmente típico *porrón* de vidro, objecto por onde se bebe vinho. Gosto muito do objecto popular, é o que mais me emociona.

CA: *E autores?*

CC: Admiro muito Castiglioni, que é dos poucos a quem toda a gente reconhece valor. Gosto do Enzo Mari pelo seu ponto de vista político, Shiro Kuramata a outros níveis, Martí Guixé, Marcel Wanders, Hella Jongerius. Na moda gosto de Martin Margiela, e na arquitectura aprecio a visão política de Santiago Cirugeda.



[Workshop] O utilizador – neste caso são crianças – produz o seu próprio objecto. Trata-se de transformar garrafas de plástico de diferentes tipos em moldes para fazer velas. O objecto final tem um valor acrescentado pelo vínculo que passa a existir entre a criança e a vela, ela gosta daquela vela porque foi ela quem a fez.

CA: *Deixas muitos projectos na gaveta?*

CC: Muitos, claro! O arranque dos projectos depende de muitos factores. Tenho muitos que não se chegaram a produzir. Há uma questão de atitude, de responder ao que o cliente pede, e por vezes não conseguimos chegar ao que nos pedem. Em qualquer *atelier* ou agência existem projectos que se concretizam e outros que não.

CA: *Que conselhos dás aos teus alunos?*

CC: O melhor é não dar conselhos e apenas referir o meu ponto de vista. Cada um tem de encontrar o seu caminho e trabalhar, muito, para descobrir o que quer fazer. Com o tempo descobrimos o que queremos fazer, mas as experiências e o trabalho são factores essenciais.

Na minha vivência de professor é normal que surjam certas dúvidas, e frequentemente questiono-me sobre qual é o compromisso que existe entre o estudante de design e o que o design pode fazer pelos outros. Há o perigo de

chegar ao estudante a ideia errada que transmitem as revistas e as empresas de luxo: *glamour*, fama, dinheiro. Os estudantes terão de se aperceber das vantagens de ser designer, do que realmente se pode fazer pelos outros, do papel social que passam a desempenhar, e ter em atenção as questões monetárias que muitas vezes põem em segundo plano os aspectos sociais. Penso que há falta de vontade, por parte dos estudantes, de procurar, experimentar, propor. Deviam saber que as empresas não são os únicos organismos a quem propor projectos; o mais importante é não condicionar projectos e por isso podem procurar-se outros canais. Deviam atrever-se a enfrentar temas sociais.

Isto tudo para dizer que sim, realmente acredito que o design tem repercussões na sociedade; não sei de que maneira... mas tem!

¹ Claret refere-se, certamente, ao movimento regional (catalão) designado por *Modernismo* (aparentado à Arte Nova) e não ao Movimento Moderno (*Modernism*). [Nota dos editores]



[Ponto social] Este projecto partiu da *Câmara de Barcelona* e o objectivo era promover actividades nocturnas de lazer, com um certo conteúdo, num centro de cursos de reinserção laboral. O resultado foi um *happening*, com *Djs* e *bocadillos*, com a finalidade de melhorar o aspecto do centro, pintando paredes, mobiliário e cortinas. Havia a vontade de dar vida a um espaço que em si já continha uma carga bastante negativa. O resultado final foi semelhante ao do meio “ocupa”, por ter também um carácter temporário.